

REPRESENTAÇÕES DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NAS PÁGINAS DE JORNAIS E REVISTAS NAS DÉCADAS DE 1970 a 1980

Tânia Regina Zimmermann*

Resumo

Neste artigo discuto algumas representações em jornais e revistas sobre situações nas quais trabalhadoras domésticas são protagonistas devido suas atitudes “indesejadas”. São vidas breves de mulheres que por instantes de “perigo” foram foco de jornalistas do Oeste do Paraná entre as décadas de 1970 e 1980.

Palavras-chave: Empregadas Domésticas. Relações de Gênero. Violência.

Abstract

In this article I discuss some representations in newspapers and magazines about situations in which domestic workers are key players because their behavior “unwanted”. Are brief lives of women who for a moment of “danger” were the focus of journalists in the West of Paraná between the 1970s and 1980s.

Keywords: Domestic Workers. Gender Relations. Violence.

1. INTRODUÇÃO

Ao perscrutar as páginas de jornais e revistas me deparei com sujeitos históricos pouco presente em análises históricas. Além dos conflitos intrafamiliares e do trabalho doméstico¹ como temas das ciências humanas soma-se aqui ambas as questões como uma problemática de pesquisa. A vida das mulheres e homens envolvidos em conflitos e crimes, especialmente as trabalhadoras domésticas, aparecem em poucas páginas de jornais e revistas, principalmente nas décadas de 1970 e 1980 no Oeste do Paraná. Em contrapartida, estas personagens recebem lugar de destaque nos títulos, no tamanho das letras e nas imagens fotográficas. Por que se dedicou frases, fotos e, às vezes, páginas inteiras a essas mulheres infames? Embora a violência nas relações de gênero tenha incidido principalmente sobre as mulheres, seja ela física (estupros, espancamentos e

* Professora do departamento de História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS. E-mail:zimmermannania@Hotmail.com. Texto recebido em 18/06/2011. Texto aprovado em 20/03/2012.

¹ O trabalho doméstico é aqui definido como o conjunto de tarefas realizadas no terreno familiar realizado principalmente pelas mulheres e pode ser remunerado. Veja-se FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho Doméstico, serviços domésticos. In: FARIA, N. *O Trabalho das Mulheres: tendências contraditórias*. São Paulo: SOF, 1999.

mortes) ou através de formas de violência simbólica (incapacidade política e civil, restrições da sexualidade), elas também reagem e às vezes violentavam com ou sem instrumentos.²

Para escrever histórias nas quais as mulheres agiram e reagiram em situações de conflitos ou de “crimes” - parto da construção de notícias sobre algumas ações de mulheres nestes jogos de gênero. Estes jogos de gênero atravessam comportamentos, imagens, discursos e representações que conformam as relações sociais que há muito tempo vem estabelecendo hierarquias e desigualdades entre homens e mulheres. Neste jogo envolvem-se identificações, estratégias, práticas discursivas e corporais cuja compreensão dá sentido a fenômenos como a violência de gênero, ou seja, relações conflituosas entre mulheres, entre homens, entre mulheres e homens e não só entre heterossexuais, mas também entre homossexuais.

Concordo com Foucault ao afirmar que o encontro com o poder transformou os atos das pessoas infames em palavras e, posteriormente, objeto deste estudo. “Sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajeto.”³ O mesmo poder que tentou controlar foi o poder que suscitou as palavras sobre estas vidas. E é justamente no confronto com o poder que elas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido um breve clarão que as traz até nós.⁴ As mulheres infames escolhidas e analisadas nesta pesquisa podem contribuir para dialogar com o limite, o intervalo da produção de recursos da história, da linguagem daquilo que nos tornamos ou, como Hall expôs, “[...] como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como podemos representar a nós próprios.”⁵

Ações de mulheres como protagonistas em notícias no Oeste do Paraná aparecem com notoriedade, talvez pela novidade deste tipo de comportamento, apesar de que mulheres consideradas fatais⁶ não eram novidade na literatura. Nas notícias dos jornais e da rádio estes feitos continuam a chamar a atenção até os dias atuais, mas estas pessoas praticantes de violência são consideradas infames, porque não possuem as

² Hannah Arendt caracteriza a violência como instrumental: “Posto que a violência – distintamente do poder [power], força [force] ou vigor [strenght] – sempre necessita de implementos [...]” ARENDT, Hannah. *Sobre Violência*. Rio de Janeiro : Relume Dumara, 1994, p. 13.

³ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992, p. 97.

⁴ Idem, p. 99.

⁵ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 109.

⁶ Ver MENON, Mauricio. A Bela Imagem do Mal na Representação da Mulher. In: MEDEIROS, Márcia M. (Org.). *Ensaio sobre o Feminino*. Passo Fundo : UPF, 2008.

mesmas qualificações das mulheres fatais como a beleza, magia e aparecem em breves instantes.

Principalmente as mulheres trabalhadoras domésticas são descritas como possuidoras de vidas obscuras, infelizes, raivosas, ciumentas, malfeitoras e desafortunadas. Também são relatos quase sempre anedóticos, curiosos, grotescos e que fizeram parte de inúmeras histórias minúsculas. E em grande parte das notícias, tendeu-se a tratar muitos dos casos com uma linguagem risível e em tom de deboche.

2. EMPREGADAS DOMÉSTICAS: “CUIDADO COM ELAS”

Entre as décadas de 1960 a 1980, constata-se que as domésticas podiam representar perigo e, algumas vezes, cometer atos monstruosos, sobretudo no lar considerado um lugar de harmonia (lar doce lar). Diante do material coletado, as indagações que percorrem a análise são por que se destacam os escassos atos cometidos por estas trabalhadoras, quais os crimes e qual é o perigo delas representado nas notícias? Quando perigosas, o alerta da imprensa é: *Cuidado com elas*.



Ilustração 1: Cuidado com elas

Fonte: O Paraná. n. 246, 11 de março de 1977, p. 14.(Acervo da Biblioteca Pública de Cascavel)

Na notícia, transcrita do jornal *O Paraná*, duas empregadas são apresentadas como infiltradoras de lares e ladras que iludem a boa-fé de donas de casa, conforme se observa no texto jornalístico:

Após se ambientarem nas casas onde se empregam como domésticas e obterem certa confiança por parte dos patrões, fazem uma limpa e depois desaparecem. A polícia conseguiu botar a mão nas duas, que estão devidamente guardadas para, pelo menos durante algum tempo, não continuarem a iludir a boa fé de donas-de-casa.⁷

Outro destaque, neste mesmo jornal, é dado a uma trabalhadora doméstica com tatuagem. Segundo o jornal: “Ela usava um sistema de operação muito simples: pedia emprego como doméstica depois sumia com jóias, roupas, pequenos objetos, etc.”⁸ Sua prisão em flagrante e sua tatuagem significava que outras patroas também a identificariam na Delegacia de Furtos e Roubos. No jornal, foi assim descrita: “Ela é conhecida como a doméstica da tatuagem e agora vai passar um bom tempo na prisão, a disposição da justiça.”⁹ Naquele período o uso de uma tatuagem era mais uma forma de identificação por meio de um sinal corporal. Neste sentido concordo com a acepção do estigma proposta por Goffman:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada principalmente em lugares públicos.¹⁰

O estigma está relacionado a uma depreciação do corpo de homens e mulheres. Nas páginas policiais dos meios de comunicação pesquisados são expressos signos de identificação para os trabalhadores domésticos. Assim, além da tatuagem, existem outras características estáveis do corpo de mulheres e homens como a idade das mulheres em situações de violência e a condição social e étnica. Esses signos transmitem uma informação social.¹¹ Normalmente estas mulheres não seguem os padrões de beleza dominantes no período.

⁷ *O Paraná*. Cuidado com elas. n. 246, 11 de março de 1977, p. 14.

⁸ *O Paraná*. Doméstica da tatuagem. n.1473, 14 de maio de 1981 p. 1 e 14.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo : LTC, 1998, p. 11.

¹¹ Idem, p. 13.

As demais notícias do jornal se assemelham com relação à confiança da patroa com a empregada e a suposta esperteza desta nos roubos, mas que, finalmente, seriam punidas. As notícias das empregadas se acentuam nas décadas de 1970 e 1980 concomitantes com várias matérias sobre o feminismo, movimento de mulheres e os direitos das mulheres. Embora as notícias não façam uma relação direta entre a presença de empregadas nas casas e o feminismo, parecem indicar que estes perigos no lar estão, em parte, relacionados à emancipação de mulheres que começavam a ocupar melhores empregos e salários bem como outras que não exerciam ocupações, mas pelo poder aquisitivo contratavam empregadas domésticas.

Cabe ainda aqui ressaltar que muitos dos jornais divulgavam matérias, entrevistas e artigos sobre o feminismo e a emancipação das mulheres desde a década de 1970. Afirmção esta que se pauta em títulos como: *A civilização caminha para igualdade entre os sexos*; *A mulher brasileira é realizada ?*; *Betty Friedan: menos passeatas e mais ação*; *Machismo: o fim de um reinado?*; *Mulher: Falta de Liberdade e Marginalizada?* e *Nem Feminismo nem Machismo: Justiça*.¹² A grande maioria desses artigos observa o feminismo como homogêneo, sendo uma tendência compreendê-lo como uma *guerra entre os sexos* na qual as mulheres feministas eram homofóbicas e se pautavam na possibilidade de dominação sobre os homens. Segundo Perrot, o feminismo nem sempre gozou de boa reputação, pois muitas mulheres defendiam-se ao serem consideradas feministas. Para a autora, o feminismo deve ser visto como plural e variado e, num sentido amplo, como designação da luta pela igualdade entre homens e mulheres.¹³

Esta luta pela igualdade entre os gêneros foi parte de um processo histórico em curso em vários países ocidentais. Luta esta advinda de movimentos sociais como o de mulheres, o feminista e o da contracultura que passou a ser denominada de *Revolução Sexual* porque, em grande parte, focalizou as questões do corpo e da sexualidade. Neste contexto, o feminismo é chamado de *Segunda Onda*, uma vez que difere da *Primeira Onda* dando prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra toda forma de dominação masculina, conhecida como patriarcado. Conforme Joana Pedro, uma das

¹² *O Paraná*. n. 78, n. 91 e n. 153, 1976. *Fronteira do Iguaçu*. n.1532 e 1568 de 1978. *Jornal do Oeste*, n. 850 de 1988.

¹³ PERROT. M. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 153-154. Segundo Perrot, o feminismo age em movimentos súbitos, ou seja, por ondas. “É intermitente, sincopado, mas ressurgente, porque não se baseia em organizações estáveis capazes de capitalizá-lo”. p. 155.

palavras de ordem da Segunda Onda era: *o privado é político*.¹⁴ Porém essa palavra de ordem não inferiu diretamente nas questões domésticas. O trabalho doméstico pareceu estagnado ao ser comparado com outras questões do feminismo desta onda. Mas este slogan posteriormente fez emergir o trabalho doméstico como um problema que tem uma história, especialmente nas ciências humanas.¹⁵

No Brasil o feminismo de Segunda Onda foi retomado na década de 1970. O ano Internacional da Mulher inaugurado em 1975 com o apoio da ONU fez ressurgir as lutas feministas no país. Segundo Joana Pedro em plena ditadura e repressão militar essas lutas não se assemelhavam ao projeto que se desenvolvia em países europeus e nos Estados Unidos.¹⁶ Estas lutas conquistavam espaço na mídia em vários países e, deste modo, nos jornais regionais o tema não poderia passar sem divulgação e polêmicas.

Mas no Oeste do Paraná as maiores polêmicas não estavam apenas nas matérias sobre o feminismo e sim também no comportamento de mulheres em situação de conflitos e especialmente das empregadas domésticas e o perigo que estas poderiam representar no espaço privado. A casa, ou seja, o lar é considerado um espaço sagrado, essencialmente feminino e vira um símbolo de clausura para as mulheres casadas e mães. Assim, a possibilidade de contratar alguém para os serviços domésticos e para os cuidados com crianças também alertava as contratantes para a responsabilidade e fiscalização sobre as empregadas domésticas para o bom andamento do lar. A escolha de uma empregada doméstica também recaía sobre a “dona da casa”. E destarte os problemas causados pelas mesmas como furtos e roubos, bem como situações de violência perpetrada por uma empregada doméstica recaíam sobre as mulheres que as contratavam.

No município de Toledo, no ano 1977, um dos assuntos considerados pelo jornal como um dos mais comentados foi Matilde. A matéria iniciou com *A Peça Matilde*. Segundo o texto jornalístico, ela foi até motivo de redação escolar em determinado colégio da cidade.

¹⁴ PEDRO, J. M. Traduzindo o debate. In: *Revista História*. São Paulo, v. 24, n.1, 1995, p. 79. Segundo a autora, a “Primeira Onda” desenvolveu-se no final do século XIX e as lutas estavam centradas na reivindicação dos direitos políticos, sociais e econômicos, ou seja, no direito de votar e ser eleita, o trabalho remunerado, estudo, propriedade e herança.

¹⁵ Como exemplos de pesquisa cito ARAUJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro : FGV, 2005 e ROCHA, Maria I. Baltar da (Org). *Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios*. São Paulo : Ed. 34, 2000.

¹⁶ PEDRO, Joana M. Narrativas Fundadoras do Feminismo. In: *Revista Brasileira de História* . v. 26, n. 52. São Paulo : Anpuh, dez. de 2006, p. 269. Ver também ALVES, Branca M.; PITANGUY, J. *O que é Feminismo*. São Paulo : Brasiliense, 1985, p. 70-74.



Ilustração 2: A Peça Matilde.

Fonte: *Tribuna do Oeste*. n. 90, 29 de junho a 06 de julho de 1977, p. 11. (Acervo do Museu Histórico de Toledo)

O fato foi considerado uma surpresa para toda a população da cidade devido à novidade e à forma de sua aparição:

Matilde foi disparada, a personagem mais comentada de Toledo na semana passada. O seu nome foi pronunciado em todos os cantos da cidade. E vejam: somente poucas pessoas realmente a viram e conheceram fisicamente. [...] Uma empregada doméstica que conquistou patroas e até patrões. Mas, que de repente, deu o “cano” levando por engano alguns relógios, peças de roupas e outros objetos de valor. [...] Na realidade a “Matilde” era nada mais nada menos do que o barbado A. O., que caiu nas malhas da polícia depois de ter furtado vários objetos de valor no seu último emprego. Na Delegacia “Matilde” chiou: sou homem com H maiúsculo.¹⁷

A empregada foi presa após denúncia de furto em seus empregos. Nos trâmites de acusação e prisão, soube-se que se travestia de mulher e inicialmente aparece em notícias conforme a imagem acima.

Na última página segue uma entrevista concedida por Matilde para a Rádio Guaçu daquela cidade. Na entrevista, o repórter ressalta que, antes dos furtos, ninguém

¹⁷ *Tribuna do Oeste*. A Peça Matilde. n. 90, 29 de junho a 06 de julho de 1977, p. 1 e p. 11.

desconfiava dela. Seu disfarce ou travestismo teria sido um sucesso, porque ninguém desconfiava, provavelmente em virtude da eficiência em seu trabalho “[...] conseguindo atrair a simpatia das patroas e até olhares indiscretos dos patrões mais vivos não era mais que um cabeludo e robusto homem.” Segundo a entrevista publicada no jornal, Matilde veio da cidade de Francisco Beltrão para Toledo e afirmou ter se disfarçado porque estava com fome e sem ter onde morar:

Bem vestida, como mulher, contou que foi fácil arrumar emprego. “Naquela casa eu cuidava das crianças, lavava roupa, cozinhava e dava conta de todo o recado” disse A. acrescentando que “agora estou arrependido de ter me disfarçado, pois sou homem com “H” maiúsculo. Quando nasci meu pai disse: é homem! E bateu no peito exclamando é homem e será homem até morrer!”¹⁸

Possivelmente para o período prisional Matilde tenha reforçado a imagem de masculinidade hegemônica, ou seja, o homem com “H” maiúsculo construído desde a infância até a morte. Esta imagem relaciona-se a uma possível pena prevista por regras internas dos presos por interferências na virilidade, ou seja, Matilde travestia-se como mulher e raspava os pêlos. Ela provavelmente temia que os companheiros de cela usassem de violência sexual contra ela como uma possível punição pela sua escolha.

Para o delegado da cidade de Toledo, tratava-se do “[...] primeiro caso na cidade e que travestis disfarçados por domésticas, aqui no caso da Matilde, é coisa rara na capital da cultura.”¹⁹ Para o delegado, a cultura é entendida apenas como manifestações artísticas e materiais e não como construtoras das relações sociais em constante elaboração também para os corpos humanos.

O caso Matilde despertou muito interesse da imprensa e do público na cidade, principalmente após a entrevista na emissora de rádio local e do relato da entrevista no jornal *Tribuna do Oeste*. Susan Clayton, no seu artigo *O Hábito faz o Marido*, traz o exemplo de uma *female husband* James Allen, na Inglaterra do início do século XIX, e discute a construção social do gênero. O caso exposto por Clayton também despertou grande interesse nos jornais da época. Um acidente de trabalho, em um estaleiro naval, fez com que as circunstâncias da morte fossem investigadas. Após a autópsia, constatou-se que James, do sexo feminino, era casada com outra mulher. Nas notícias sobre Matilde, o disfarce parecia ser provisório, mas a identidade fora assumida e aceita pelas pessoas do meio até a denúncia de roubo. O que chama tanta atenção nas notícias não é

¹⁸ Idem, p. 11.

¹⁹ *Tribuna do Oeste*. A Peça Matilde. n. 90, 29 de junho a 06 de julho de 1977, p. 1 e p. 11.

o roubo, porque para um homem isto era quase naturalizado como próprio para o masculino, mas o fato de assumir o gênero feminino. Como aponta Clayton em seu estudo, é pelo disfarce de gênero que uma distinção entre natureza e arte se estabelece. Pelas vestes, foi possível pertencer ao feminino e, deste modo, a arte permitiu afastar da natureza o sexo biológico.²⁰ No caso de Matilde, a mudança era provisória, em contrapartida, no de James Allen, parecia ser definitiva.

Em relação ao texto jornalístico sobre Matilde, a linguagem é confusa, pois ora é ela, ora é ele. Ainda assim, prevalecem os atributos masculinos, como a barba, pelos e robustez. Esta prevalência é reforçada pelas repetidas vezes em que Matilde, travestida, ressalta a sua masculinidade, com a letra H maiúscula, de homem viril e assim criado pelo pai e que, por necessidade e vontade, buscou trabalho como doméstica pelas possibilidades de possuir comida, salário e um lugar para morar. Matilde adotou um papel tradicionalmente reservado a uma mulher e isto é um absurdo para a imprensa dado que não questiona como uma possibilidade, mas sim através do risível tenta colocar os gêneros no lugar tradicional. Também Matilde pretendia mudar seu destino por meio do corpo. Para Susan Clayton, isto confirma a pobreza das escolhas abertas aos seres humanos diante da dicotomia social.²¹

Também Peter Burke apresentou pesquisas sobre 119 mulheres que viveram como homens para adentrar, principalmente, na marinha e no exército holandês desde os primórdios da idade moderna. Segundo Burke, esta mudança de vida relaciona-se com outros modos de sobrevivência do que aquele reservado a moças pobres, quer seja como domésticas ou obrigadas a prostituir-se.²²

Na suposta capital da cultura o modelo de feminilidade dominante foi exposto na segunda página do jornal Tribuna do Oeste. Neste editou-se uma fotografia de uma moça loira e de biquíni com a seguinte legenda: *Esta gata da foto não é a Matilde, não!*²³

²⁰ CLAYTON, Susan. O Hábito faz o marido? In: SCHPUN, Mônica R.(Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 151-174.

²¹ Idem, p. 172.

²² BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Unesp, 2002. p. 78.

²³ *Tribuna do Oeste*. Esta Gata da foto não é Matilde não. n.90, p. 2.



Ilustração 3: Coluna Social

Fonte: Tribuna do Oeste. n. 90, 29 de junho a 06 de julho de 1977, p. 11. (Acervo do Museu Histórico de Toledo)

Esta imagem vinha reforçar que o caso Matilde era apenas uma exceção quando o assunto "raro" era o travestismo. Porém, a repercussão maior nas notícias sobre domésticas e violência foi sobre o caso Maria. A empregada doméstica segundo as notícias envenenou uma criança, animais e fez uma tentativa de envenenamento de outra criança.

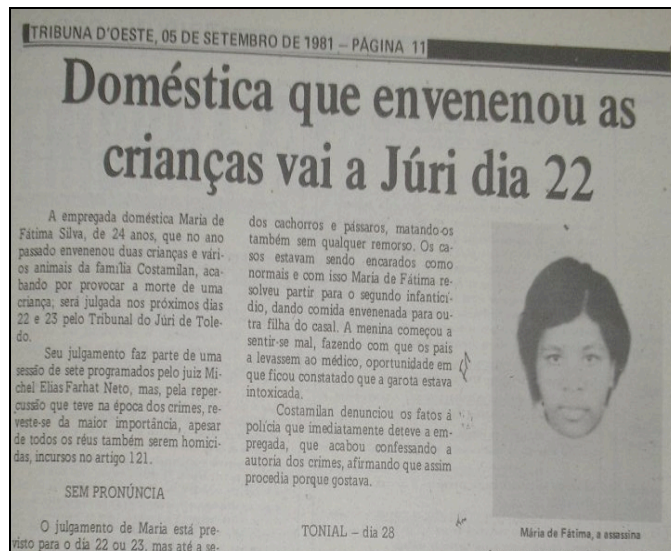


Ilustração 4: Doméstica que envenenou as crianças vai a júri dia 22.

Fonte: Tribuna do Oeste. n.222, 5 de setembro de 1981, p. 11.(Acervo do Museu Histórico de Toledo)

Maria teve destaque em notícias pelos crimes que cometeu contra uma criança, animais e pela tentativa de crime contra outra criança. Do início da investigação até a sua condenação as ações dela foram consideradas desnaturadas, bárbaras e monstruosas²⁴. Nas notícias veiculadas entre setembro de 1979 e julho de 1980, repetiu-se a assertiva: *Maria envenou por que quis*.

Maria é uma monstra, não apenas por ter violado as leis da sociedade, mas por também ter desrespeitado as leis da natureza, pois toda mulher deve proteger a vida devido seu inato instinto maternal. O monstro *é o que combina o impossível com o proibido*.²⁵ A criminosa Maria é considerada destaque de manchetes, porque, para a cidade e região, era um fenômeno extremo e raro. As ações de Maria tramaram o impossível e violaram a lei, deixando-a sem voz. Os atos criminosos dela estão inscritos no momento em que se tornavam singulares as notícias quase cotidianas de furtos de

²⁴ Para Foucault, a noção de monstro é uma noção jurídica. “Ele é, num registro duplo, infração as leis em sua existência mesma. O campo do aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer jurídico-biológico”. Aparece como um fenômeno raro e extremo que combina o impossível com o proibido. “[...] é o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias”. p. 69-71. Para este autor, o monstro se aproxima da noção de loucura quando a psiquiatria “descobre os instintos”. O instinto será “[...] o vetor do problema da anomalia, ou ainda o operador pelo qual a monstruosidade criminal e a simples loucura patológica vão encontrar seu princípio de coordenação.” p. 165. FOUCAULT, M. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

²⁵ Idem, p. 70.

empregadas domésticas na região na década de 1970 e começos da década de 1980. Estes atos lembravam às mulheres os custos de sua emancipação, ou seja, seu lugar no lar ainda era lembrado através destes atos de empregadas domésticas nas notícias. Também lembravam que o perigo que as empregadas representavam era relacionado à culpa da mulher, esposa e dona de casa que não fazia as tarefas domésticas e nem cuidava dos filhos ou por não supervisionar a empregada. Mas os crimes de Maria são extremos quando associados aos furtos na região Oeste do Paraná.

A prisão preventiva ocorreu em 1980 na comarca de Toledo. Maria de Fátima da Silva é descrita como empregada doméstica de 23 anos, solteira e negra que trabalhava numa residência familiar. Seus crimes são assim relatados:

[...] prevalecendo-se de sua condição de empregada e da confiança dos donos da casa, certa ocasião resolveu ministrar veneno na alimentação do filho do casal, de três meses de idade, matando a criança, cujo caso foi levado como morte natural.²⁶

Nesta notícia seguem novas tentativas de Maria que, alguns meses depois, matou os animais da casa, gatos, cachorros e pássaros “[...] matando-os também, sem qualquer remorso.” Segundo o impresso, a empregada, vendo que os casos eram tratados como normais, “[...] resolveu então ministrar veneno na alimentação de outra filha do casal.” Após consulta médica, constatou-se o envenenamento e, com investigações policiais, a empregada detida confessou o crime “[...] afirmando que assim procedia porque gostava.”²⁷ Conforme Foucault, é o modelo de todas as discrepâncias e prossegue: “[...] é o princípio da inteligibilidade de todas as formas – que circulam na forma de moeda miúda – da anomalia.”²⁸

Maria continua noticiada enquanto permanece presa, como no texto que segue: *Criminosa ainda na cadeia*²⁹. Nesta matéria, os fatos estavam ainda sendo investigados por meio da exumação da criança envenenada e da possível transferência da presa para a cidade de Curitiba por questões de *segurança e conforto*. Segundo a reportagem jornalística, vigiava-se o comportamento dela, “[...] Maria de Fátima, pelo que se

²⁶ *Tribuna do Oeste*. Doméstica assassina presa. n.222, 5 de julho de 1980, p. 1.

²⁷ *Tribuna do Oeste*. Doméstica assassina presa. n.222, 5 de julho de 1980, p. 1 e 11. *Criminosa ainda na cadeia*. n. 229, 23 de agosto de 1980. As notícias sobre Maria retornam aos jornais no julgamento em 1981.

²⁸ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo : Martins Fontes, 2002, p. 71-72.

²⁹ *Tribuna do Oeste*. *Criminosa ainda na cadeia*. n. 229, 23 de agosto de 1980, p. 11.

informa na polícia, está tranqüila e diz não estar nem um pouco arrependida.”³⁰ O seu não arrependimento no texto é que remete a loucura.

Foucault, em sua obra *Os Anormais*, apresenta duas histórias de mulheres criminosas. Sélestat é apresentada como a mulher que matou sua própria filha, cortou-a em pedaços e a cozinhou em 1817. Naquele ano, reinava a fome na Alsácia. O tribunal não a condenou por postular que aquela mulher não era louca. Seu ato era admissível para todos devido à fome. Se não houvesse o surto de fome, seu ato seria questionado se havia sido ditado pela razão ou desrazão. O crime de Sélestat foi avaliado pelo tribunal como razoável e quase lúcido.³¹

No segundo caso, apresentado por Foucault, uma moça, Cornier, teve filhos e os abandonou. Também foi abandonada pelo marido. Depois trabalhou como empregada doméstica para várias famílias em Paris. Após ter ameaçado se suicidar por várias vezes, aparece na casa da vizinha e oferece-se para cuidar da filha de dezoito meses. Após muito insistir, Cornier leva a filha da vizinha para o quarto de sua casa e ali, com um facão, corta-lhe a cabeça. Quando a mãe vem buscar a menina, Cornier lhe diz que a filha está morta. A vizinha desconfia e tenta entrar no quarto. Neste momento, Cornier pega o avental, põe a cabeça da criança dentro do mesmo e joga-o pela janela. Ao prendê-la, perguntam por que ela tinha tomado tal atitude. Ela então respondeu: “Foi uma idéia. Depois disso pouca informação pode ser tirada dela.”³² Esse tipo de ação veio a se constituir um problema para a psiquiatria criminal. Assim como no caso de M., tentou-se mostrar algum distúrbio físico ou mental. O distúrbio de Cornier foi relacionado à pequena falha no humor e com enfoque no instinto, em si monstruoso, em si doentio e patológico que atravessa a conduta como um meteoro, instinto homicida que não se parece com nada, instinto homicida que não corresponde a nenhum interesse.³³

Maria também teve o comportamento vigiado pela imprensa e pela polícia. É no julgamento dela, em 1981, que se repetem os atos nas notícias. O destaque é *A Voz da justiça vai falar mais alto: Fátima: Barbarismo, Doméstica condenada a mais de 27 anos*.

³⁰ Idem, ibidem.

³¹ FOUCAULT, M. *Os Anormais*. São Paulo : Martins Fontes, 2002, p. 140.

³² Idem, p. 139-140. Nestas páginas Foucault descreve a ação das duas mulheres.

³³ Idem, p. 378. No caso de Cornier, segundo Foucault, temos um caso muito mais difícil e que, de certo modo, parece escapar tanto da atribuição à razão como da atribuição à loucura; e que – na medida que escapa da atribuição à razão – escapa do direito de punição. Para Foucault, este é o terreno em que a psiquiatria criminal poderá se constituir como tal.



Ilustração 5: Doméstica condenada a mais de 27 anos.

Tribuna do Oeste. n. 270, 26 de setembro de 1981, p. 1. (Acervo do Museu Histórico de Toledo)

Segundo o jornal, na data do julgamento, mais sete réus seriam julgados, alguns também por assassinatos, mas o de Maria, “[...] pela repercussão que teve na época dos crimes, reveste-se de maior importância.”. Segundo a notícia, a empregada ganhou tanta confiança da família “[...] a ponto de servir até comida para as crianças”. Na matéria do dia 26, os demais casos são descritos, entretanto, o título *Doméstica assassina é condenada a mais de 30 anos* encobre os demais crimes e somente esta matéria jornalística apresenta a foto da condenada.

Em outras notícias contava-se que no inquérito Maria negou os crimes, mas entrou em contradições que reforçaram a sua acusação. O advogado de defesa limitou-se a tentar aliviar a pena, para tanto buscou caracterizar a ré como desequilibrada mental.³⁴

O desequilíbrio mental relaciona-se com a ação por instinto. Para Foucault, o instinto será, é claro, o grande vetor do problema da anomalia, ou ainda, o operador pelo qual a monstruosidade criminal e a simples loucura patológica vão encontrar seu princípio de coordenação:

Não há doença intrínseca ao instinto, há antes uma espécie de desequilíbrio funcional do conjunto, uma espécie de dispositivo ruim das estruturas, que faz que o instinto, ou certo número de instintos, se ponha a funcionar ‘normalmente’ de acordo com seu regime próprio, mas ‘anormalmente’ no sentido de que esse regime próprio não é controlado por instâncias que

³⁴ *Tribuna do Oeste*. Edições de 19, 25 e 26 de setembro de 1981.

deveriam precisamente assumi-los, situá-los e delimitar a sua ação.³⁵

Para se demonstrar que Maria era alguém com necessidade de tratamento psiquiátrico, não se necessitava de um processo, mas sim de estigmas que a marcavam como a falta de remorso e arrependimento. Assim como Maria, construiu-se na imprensa o monstro masculino relacionado à qualificação de um crime. Neste mesmo jornal, outro crime considerado monstruoso, em Toledo, foi praticado em 1969. Na Tribuna do Oeste, o título da notícia é *Crime do Monstro de Novo Sarandi* e o homicídio foi contra uma mulher com quem o marido vivia há dez anos. Segundo o jornal, a companheira R., de vinte e quatro anos, era ex-bailarina de uma *casa de tolerância* em Marechal Cândido Rondon. O homicida asfixiou e enterrou a esposa no quintal da casa. Ela teria cavado sua própria sepultura. Depois usou disfarce e foi a São Paulo. No mês de outubro do mesmo ano da condenação de Maria, após doze anos, Lindolfo também foi a Júri e o Conselho de Sentença do mesmo município o absolveu por seis votos a um. Este episódio também foi considerado pela imprensa como um dos fatos de maior repercussão na história policial de Toledo.³⁶ O processo foi considerado, de acordo com a notícia, com muitas falhas e contou com uma defesa muito competente de dois advogados de renome. Desta forma, a *monstra* Maria foi condenada a quase trinta anos e o *monstro* Lindolfo foi absolvido.

Pelo estudo destas notícias, percebe-se que estas mulheres, ao se tornarem noticiáveis na imprensa, são de alguma forma, punidas pelos seus atos e há uma generificação da violência. Assim, conforme Foucault, a punição relaciona-se a definição de traços de caráter³⁷ que estão presentes nas notícias.

Os casos banalizados, debochados e valorizados nas páginas da imprensa trazem ações, em sua maioria, ousadas e menos comuns para as mulheres, mas que trilham pelos seus poderes múltiplos e nem sempre planejados e conscientes da possibilidade de transpor espaços. São ações motivadas por vontade de se livrarem de vidas tortuosas e sofríveis, cujos delitos foram cometidos em diferentes épocas e histórias variadas, inclusive da literatura.

³⁵ FOUCAULT, M. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 381.

³⁶ *Tribuna do Oeste*. Crime do monstro de Novo Sarandi. n. 30, 11 de maio de 1969, p. 1 e 8. Seguem outras edições: Decretada prisão preventiva do “monstro” estrangulador. n. 223, 12 de julho de 1980. p.11. Lindolfo vai a Júri 17 out, 1981, p. 14. Diante de um processo falho, Conselho de Sentença absolveu Lindolfo por 6x1. n. 274. 24 outubro de 1981, p. 12.

³⁷ FOUCAULT, M. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002, p. 71.

A vida dessas empregadas domésticas eleitas pelos jornalistas para compor as páginas de impressos ganhou evidência. Pela notícia se diz aquilo que não merece glória e possa caracterizar-se como constrangimento. A coação e o perigo obrigam o cotidiano a se pôr em discurso. Para Foucault, é na literatura que o discurso da infâmia continua: “[...] cabe-lhe dizer o mais indizível - o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o vergonhoso.”³⁸ Nesta pesquisa, o discurso da infâmia colocou-se no cotidiano através das páginas dos jornais e das revistas.

As mulheres envolvidas em situação de conflitos e de “crimes” no trabalho doméstico foram personagens ativas nos textos midiáticos, sejam dos jornais e das revistas e são apresentadas, em sua maioria, como um perigo para o bom andamento da harmonia no lar. Assim a representação destes conflitos também constrói distinções corporais entre mulheres e homens nas situações de violência mantinham-se generalizações equivocadas como “[...] as mulheres são cuidadosas em suas relações, capazes de alimentar, proteger e cuidar, enquanto os homens são agressivos e combativos [...]”.³⁹ Além dos textos, em grande parte articulados com linguagem de deboche e iniciados com títulos bombásticos, há também as fotos como elementos corroborantes na denúncia do infame, visto que as fotografias jornalísticas são tidas com expressão do real e assim fortificam a caracterização de algumas mulheres como perigosas. Conforme Susan Sontag “[...] as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar.”⁴⁰

Pelas notícias, artigos e entrevistas sobre o feminismo tenta-se equilibrar a necessidade e possibilidade de participação das mulheres no mercado de trabalho, mas elas não deviam esquecer a maternidade, a meiguice, a passividade, afazeres domésticos e sua supervisão das empregadas, sedução e educação de uma boa geração. Os discursos jornalísticos ao eleger os perigos representados pelas empregadas domésticas nas notícias alertavam continuamente para o papel estabelecido para as mulheres empregadoras.

³⁸ Idem, p. 127.

³⁹ NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis : Ed. da UFSC, ano 8, n. 2, 2000, p. 29.

⁴⁰ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo : Companhia das Letras, 2004. p. 13.

Referências

- ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. *Mulheres que Matam*: universo imaginário do crime feminino. Rio de Janeiro : Relume Dumará. 2001.
- ALVES, Branca M.; PITANGUY, J. *O que é Feminismo*. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre Violência*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1994.
- BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Unesp, 2002.
- CLAYTON, Susan. O Hábito faz o marido? In: SCHPUN, Mônica R.(Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 151-174.
- FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Do Silêncio ao Preconceito. In: *História & Perspectiva*. São Paulo, n. 23, jul\dez, 2000, p. 129-144.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa : Veja, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho Doméstico, serviços domésticos. In: FARIA, N. *O Trabalho das Mulheres: tendências contraditórias*. São Paulo: SOF, 1999, p. 118-142.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo : LTC, 1998.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 103-131.
- KUN, Cornelia. *Ende des Schreckens*. 2005, Tese em Filosofia. Carl Von Ossietzky Universität Von Oldenburg, Alemanha.
- MACHADO, Lia Zanota ; MAGALHÃES, Maria T. B de. Violências Conjugais: os espelhos e as marcas. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (Org.). *Violência, Gênero e Crime do Distrito Federal*. Brasília : UnB, 1999, p. 173-238.
- MENON, Mauricio. A Bela Imagem do Mal na Representação da Mulher. In: MEDEIROS, Márcia M. (Org.). *Ensaio sobre o Feminino*. Passo Fundo : UPF, 2008, p. 97-122.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis : Ed. da UFSC, ano 8, n. 2, 2000, p. 9-41.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate. In: *Revista História*. São Paulo, v. 24, n.1, 1995, p. 77-98.

PEDRO, Joana M. Narrativas Fundadoras do Feminismo. In: *Revista Brasileira de História* . v. 26, n. 52. São Paulo : Anpuh, dez. de 2006, p. 249-272.

PERROT. M. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Maria I. Baltar da (Org). *Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios*. São Paulo : Ed. 34, 2000.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.